

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 27 de fevereiro de 2013**

Texto de referência: “Alguém nos prometeu alguma coisa? Então, por que esperamos?”. Exercícios dos Universitários de Comunhão e Libertação, supl. Passos Jan/fevereiro 2013.

- *Ballata dell’uomo Vecchio*
- *Quando uno há Il cuore buono*

Glória

Tínhamos deixado como proposta de trabalho a segunda parte dos Exercícios do CLU, mas não foi apenas isso que determinou este mês. De fato, tínhamos dado também algumas indicações para viver o período eleitoral. E, depois, aconteceu um fato imprevisto: a renúncia do Papa. Parecem-me fatos que, cada um a seu modo, provocam a nossa pessoa e a nossa vida. Vejamos, depois de tudo o que aconteceu, qual o caminho que cada um fez ou está a fazer, o que descobriu, de que modo tudo o que estamos a viver nos faz crescer, nos faz amadurecer.

Quando recebi a notícia da renúncia do Papa estava na Venezuela e prestes a voltar para casa. Aquilo que escreveste no La Repubblica tocou-me muito: tu disseste que o mundo todo ficou sem ar durante um minuto, em silêncio. Pouco depois, devia apanhar o avião e, no aeroporto, fui interrogado pelos guardas, que usaram toda a sua autoridade, fazendo-me abrir as malas três vezes, perguntando o que eu estava a fazer lá, desde quando estava no país. A um certo ponto, olharam-me e disseram: “É verdade que o Papa se demitiu?”. E, em seguida: “Como se faz para se tornar Papa?”, eles, que nem sequer sabiam o nome do Papa! Então é verdade, verdadeiramente aconteceu a todos. Mas, depois daquela carta que tu escreveste, dei-me conta de uma coisa: que só uma pessoa se tinha dado conta de se ter espantado. Todos tínhamos ficado espantados, todos sabemos o que estávamos a fazer no instante em que recebemos a notícia, todos, mas a novidade foi dar-se conta de se ter espantado. Quando te escreveste isto, fazendo-nos dar conta de termos ficado espantados, deste-nos o critério para podermos estar diante do mundo inteiro, que tentava dar uma explicação, inclusive nós. Quer dizer, a experiência reconhecida tornou-me capaz de julgar. Se, ao contrário, eu não me dou conta da experiência que faço, do contragolpe humano, então não possuo o critério e, também eu, parto da minha opinião: eu gosto do Papa e, então, a explicação é... etc, etc. Mas, já saltei o primeiro passo, o critério é uma opinião, não é uma experiência irreduzível, tanto é verdade que se certas tomadas de posição não explicam a experiência que fiz, eu não as aceito como explicação. De facto, continuando a descrição dos seus passos, tu introduziste a hipótese de que somente a relação do Papa com Jesus pode tornar aquele homem tão livre e disseste: “Então, fui obrigado a mover o olhar para aquilo que o tornava possível: quem és Tu, que atraís um homem assim ao ponto de o tornar tão livre?”. Então, este “obrigado” tocou-me, porque é exatamente a descrição da razão que aceita o caminho até chegar, do sinal, daquilo que me aconteceu como experiência, à única explicação, ao significado, isto é, a dizer Tu a Cristo. Quem és Tu que tornas isto possível?

Isto é, tu queres dizer que se a pessoa não se dá conta do primeiro contragolpe...

Torna-se ideológico logo de seguida, no sentido de que não tem nas mãos o critério com o qual desafiar o mundo e, portanto, não tem uma explicação para dar, porque ele é parte daquele mundo que exprime apenas uma opinião.

Depois voltaremos a falar sobre isto, mas a meu ver isto demonstra um ponto fundamental de um caminho humano, porque todos se maravilham com a beleza das montanhas, mas nem todos fazem o percurso até o “eu-sou-Tu-que-me-fazes” do capítulo décimo de *O Senso Religioso* (para dar um exemplo que nos é familiar). E, portanto, se nós não nos damos conta do que está dentro do contragolpe, perdemos o melhor daquilo que acontece, porque muito das reações ou do desânimo ou da confusão ou da falta de coragem em que uma pessoa acaba – cada um pode pensar no sentimento

que experimentou – é consequência de não ter percebido na realidade aquilo que existe; e, então, ficamos à mercê, como todos, das opiniões, porque não existem mais os factos, mas apenas interpretações. E muito do desânimo que vimos de modo evidente também durante as eleições, tem a mesma origem. Não é que reagimos de um modo em relação às eleições e de outro em relação ao Papa: é o mesmo contragolpe e, muitas vezes, a mesma dificuldade. Assim como reduzimos o gesto do Papa, também reduzimos aquilo que torna possível termos clareza sobre as eleições. Espero que cada um tenha feito o percurso e tenha podido reconhecer isto. Por isso, é interessante ver como a dificuldade de entender a questão da espera (nos Exercícios do CLU) nos torna, muitas vezes, incapazes de ler a realidade de modo verdadeiro, porque muitas vezes não somos capazes de nos deixar tocar por aquilo que existe. Leio algumas das cartas que vocês me enviaram. “Li que ‘a comunidade é lugar da continuidade do acontecimento de Cristo e se foges desta aparente casualidade de relações perdes não as relações, mas aquilo que te impressionou nestes relações’. É verdade, eu poderia abdicar de qualquer coisa na vida, exceto o facto de que Cristo está comigo, excepto saber que sou desejada agora por Ele. No tempo, experimentei que é impossível satisfazer-se com um belo encontro com as pessoas, pois acordo desiludida na manhã seguinte, porque a companhia de Jesus é a única que pode chegar até o fundo da falta que sinto. Porém, normalmente, olho em volta e tenho dificuldade em perceber em alguém uma nostalgia como a que eu sinto. Há um tempo atrás, manipulava fazendo coisas, mas agora não consigo mais, e nem quero, porque experimentei, e experimento, que a minha salvação é o Seu grande amor por mim. No entanto, muitas vezes parece-me que várias pessoas que tenho à minha volta são cépticas em relação a isto. Isto é: tudo bem sentir o desejo, mas no fundo estamos seguros de que somos competentes, entusiastas militantes do CL em posse de todas as respostas, chegando às vezes, a julgar negativamente aqueles que fazem um caminho mais longo e tortuoso. Tenho essa clara sensação, e às vezes sou levada a pensar que eu, por sentir esta falta que me faz implorar, talvez não tenha percebido alguma coisa [pensamos que somos nós que erramos quando sentimos isto]. É como se corresse o risco de ter uma postura individualista. No entanto, sinceramente, nunca me senti assim numa relação tão afetuosa com a realidade como agora e, quando leio ou escuto o que tu dizes, descrevendo o meu estado de espírito em cada detalhe, reconheço de novo que sou aquele grito e não quero algo que simplesmente feche a ferida”. Se, como dizíamos antes, falando das eleições, nós não partimos desta necessidade, desta espera, desta pergunta aberta, nem sequer podemos perceber o alcance da resposta, e não nos interessa envolvermo-nos com a realidade para encontrá-la. O que é que acontece? Que a pertença à Igreja e ao Movimento se torna um facto paralelo, como diz outra pessoa: “A inquietude e o desejo são, em muitas ocasiões, uma experiência dolorosa. O desejo de um significado é um substrato silencioso da vida quotidiana, que eu tento calar porque, para mim, é algo de desesperado. Por isso, não sei como tu fazes para dizer: o facto que eu espero, grita que existe um Outro que está me está a chamar, que me está a prometer algo na própria estrutura do meu eu [esta é a dificuldade: perceber nos factos todo o alcance que têm, perceber que para explicar o gesto do Papa é preciso reconhecer a contemporaneidade de Cristo, perceber que para reconhecer a espera é preciso reconhecer Aquele que a desperta em mim constantemente]. A pertença ao Movimento torna-se um facto paralelo em relação a esta pergunta, que me dá também a perspectiva de toda a minha solidão. Desculpa a grande franqueza, mas a tua posição diante da realidade é tão leal, que não posso fazer doutra maneira. Muitas vezes penso que por esta minha situação que te descrevi, seria mais leal se me fosse embora do Movimento [por isso muitas pessoas se vão embora da Igreja]. Queria também esclarecer que eu não tenho verdadeiros motivos para me desesperar, ao contrário, tenho muitos para ser feliz: tenho um marido, filhos a quem amo, um trabalho e a estima de muitos colegas. No entanto, tenho dentro de mim uma dor insistente, um desejo irrealizável pela sua própria natureza, e não percebo porque é que preciso consumir-me por dentro, não percebo sobretudo porque é que um acto de fé não consegue aplacá-lo. Então, para que serve a fé em Deus, se o desejo de algo infinito continua a atormentar-nos? Como disseste no último encontro: ‘Sem nos damos conta disto, nós esvaziamos a espera do Mistério e, depois, tentamos ver como resolvemos nós a questão’, isto é, o pertencer ao Movimento pode ser uma escolha para resolvermos nós a questão, fazendo calar a pergunta. Esta é uma postura violenta que esmaga a

minha verdadeira humanidade. Agradeço se poderes responder-me a isto”. Se alguém cala esta espera e não se dá conta de que ela, como explicamos durante os Exercícios do CLU, é o sinal mais evidente d’Ele, “esmaga” a sua humanidade. Por que temos dificuldade em reconhecer na nostalgia, na espera, nessa inquietude, a presença do Outro, a presença do Mistério? Por quê? Porque não nos damos conta do que seria uma vida com o “encefalograma plano”, isto é, uma vida em que eu não deseje, em que eu seja inerte na relação com a realidade. Percebo que uma pessoa queira fugir disto, e por isso é difícil compreender, depois, quando dizemos que Cristo não veio para sufocar o desejo do homem, mas para o despertar. Mas o facto que o desperta, portanto que nos torna cada vez mais desejosos d’Ele, é uma desgraça ou um bem? Para responder, cada um deve olhar para si mesmo e ver o que acontece na própria vida, porque senão nós pensamos que o que resolve são as nossas energias ou os nossos projectos, ou as nossas tentativas. Ao contrário, como vimos nestes dias, testemunhado “grandiosamente” pelo Papa, há factos que negam, com a própria presença, qualquer tentativa de ver a fé como algo, em última instância, ineficaz na solução dos problemas da vida. Ao contrário, o que acontece quando vemos alguém como Bento XVI, que nos testemunha a resposta, como muitos viram hoje em Roma? Temos diante de nós uma presença na qual podemos tocar com a mão o que é Cristo, que torna possível a fé. Realizando este gesto que testemunha Cristo, deu-nos um presente inesperado, misterioso, para tornar possível também para nós o gesto da fé, isto é, o reconhecimento de Cristo presente. Somente diante de uma presença assim é possível ser capaz de olhar todo o limite, toda a dificuldade de se abraçar verdadeiramente a si mesmo; porque sem a presença contemporânea de Cristo, uma pessoa não se pode amar verdadeiramente a si mesma. Por isso, é preciso esta contemporaneidade. Ao mesmo tempo, sem o grito da espera podemos reduzir Cristo a um facto paralelo, sem incidência na nossa vida.

Recentemente aconteceu um facto que substancialmente predominou na minha vida sobre todas as coisas que estão a acontecer neste período. Digamos que foi um pouco – se me permites o termo – um golpe de sorte, porque atraiu completamente a minha atenção. Fui transferido para outra cidade, e lá não havia uma comunidade do Movimento. Há cerca de um mês, conversando com uma pessoa – a mesma conversa que podemos ter com qualquer pessoa –, sobre sua inquietude crescente, respondi dando-lhe o livrinho dos Exercícios do CLU: “Vais encontrar o motivo da tua inquietação aqui dentro”. No dia seguinte, encontramos-nos e ela disse-me: “Nunca tinha ouvido nada assim”. A partir daquele momento, nasceu com essa pessoa uma amizade profunda, teceu-se e tornou-se viva uma trama de relações. Está a nascer uma comunidade num lugar onde, até um mês atrás, eu estava sozinho. Isto surpreendeu-me, porque fui completamente tomado por este facto que chamo de “encontro”, é como se todo o resto me preocupasse menos. Então, o que disse a mim mesmo? A primeira coisa foi: como é potente a minha pequena liberdade, porque aquela noite parecia a enésima conversa à qual tu respondes com uma espécie de preconceito (está bem, imagina se pode acontecer alguma coisa); e, no entanto, descubro que aquela luz que vi na primeira conversa, vi na segunda e na enésima vez e ainda a vejo agora. Este facto que se tornou predominante, faz-me experimentar que Cristo é verdadeiramente uma presença, que as coisas no mundo são ajustadas por Ele, que é Ele o protagonista, e que meu cristianismo (se posso dizer assim) é um Seu dom, é um Seu dom a mim. Para mim, foi uma verificação não racional, mas com a concretização da minha pequena liberdade e da deles, de como, dentro da decadência do mundo, renasce um povo. Foi preciso apenas que eu dissesse “sim”, mas não um sim mental, um sim banal diante de uma inquietude. Eu apenas lhe disse: “A sua inquietude é a mesma que a minha”. Fico comovido por esta coisa que me leva a dizer que não importa o que aconteça, porque Ele a arrumará.

E por que tu achas que o texto teve esse impacto sobre ele a ponto de ele tê-lo devorado?

Porque evidentemente as coisas são como estão escritas lá.

Por causa daquilo que tu dizias, isto é, por causa de uma espera que encontrou uma resposta. Isso impressiona-me, também pensando na carta que li há pouco, porque diante do mesmo facto uma pessoa encontra algo absolutamente novo a ponto de gerar toda a vida, de devorar o texto e começar algo novo, chegando a nascer uma comunidade em um lugar onde não teríamos imaginado. E tu não

consegues dar outra explicação a isso – porque não é que achas que a geraste tu – a não ser a presença de Cristo. E isto, no meio da decadência, é a origem de um povo, é exatamente assim. Depois do que vimos nas eleições, para poder entender qual é a nossa contribuição precisamos de recomeçar dali, reconhecendo que o primeiro ponto da Nota de CL não é algo lançado ao vento, mas é o ponto de esperança: que a comunidade cristã exista e comece, segundo um desígnio que não é o nosso, a partir do pequeno “sim” de cada um, do pequeno movimento da liberdade de cada um, a gerar novamente um povo. Que as pessoas votem “com a barriga”, diz até que ponto a civilização está em pedaços. Dá para entender?

Sim.

Agradeço-te, porque não devemos separar as coisas: de um lado isto, do outro as eleições e do outro, o Papa. O que une tudo isso? Alguém me escreve: “Entendi melhor a mudança que o trabalho sobre a Nota de CL provocou, não tanto sobre o período eleitoral enquanto tal, mas sobre o resto, na última viagem que fiz para o Irão, para onde vou normalmente a trabalho. A frase do documento, que diz que “o primeiro nível de incidência política de uma comunidade cristã é a sua própria existência”, sempre a vivi como o facto de que devia de algum modo defender ou promover a existência de alguma coisa. Quando me vejo (pela enésima vez) em Teerão por uma semana, não é que há muito para pensar em defender ou promover. Estou sozinho lá, não é que é possível exprimir ou defender alguma coisa, nem sequer há uma companhia na qual eu me possa tentar refugiar. Sempre vivi isso como uma derrota, e ficava esperando uma possível oportunidade de falar sobre a minha ideia católica em alguma conversa (há pessoas dos países de língua inglesa que não desprezam discussões religiosas) no fundo, como para plantar uma pequena bandeira entre as outras cem bandeirinhas. De facto, em alguns momentos consegues defender a tua. Na maioria das vezes, fico à espera do momento de voltar para casa para retomar a vida. O que me surpreendeu desta vez foi uma percepção inicial, mas evidente, de que a comunidade cristã viva sou eu, consciente disto, mesmo sozinho no meio do Irão [isto é, o protagonista é um eu, que tem esta consciência]. E não há alternativa, porque a vida e o desejo de tudo não podem ser suspensos durante uma viagem. Isso não me deixa tranquilo, porque é um facto evidente que Jesus desceu do avião em Teerão comigo (que sou nada e cheio de falhas). Depois, eu poderia dizer algo ou não, mas o dado objetivo é que a incidência foi a minha consciência de ser a comunidade cristã. O início foi frio e formal, como sempre. O Irão é um país onde o laicismo céptico é dominante, depois, a renúncia do Papa e a curiosidade que isso suscitou nos meus interlocutores foi uma graça pela qual foi-me possível falar da minha estima por aquele homem e do porquê de um engenheiro ocidental, hábil no seu trabalho e no uso pleno da razão e de sua capacidade de análise, poder ser seriamente e razoavelmente católico. Isto foi um “mais”, porque também poderia não ter acontecido, mas como aconteceu, eu fiz-me presente. Em síntese, comecei a perceber que toda a questão, mesmo política e social, se joga na consciência do meu eu. Se eu não estou, não está outro, nem sequer as melhores e mais justas batalhas sobre os valores e sobre a Igreja podem preservar a ordem do mundo, onde é normal comer três vezes ao dia e onde ser cristão não significa risco de vida. Se eu não estou, nem a batalha mais justa e empenhada pode construir, nem levar a nada”. Se, depois, a partir deste eu o Mistério faz nascer a comunidade, melhor ainda! Mas isso não depende de nós, dependerá de como Ele usa esse nosso pequeno gesto de liberdade que se chama “fé” para gerar alguma coisa de outro. É decisivo que nós entendamos isto no fim deste período eleitoral.

Alguns textos de *don* Giussani ajudam-nos a perceber a situação em que nos encontramos e que o resultado eleitoral evidencia ainda mais. Durante este período propusemos um trabalho que era, muito simplesmente, levar a sério a necessidade que tínhamos de nos esclarecermos, começando pelo dado mais relevante que temos e que é a comunidade cristã, de procurar a pertinência da nossa fé às exigências da vida, porque se não percebemos isto acabamos por nos perguntar para que é que serve a fé. E isto em que é que o podemos ver? No modo com o qual cada um viveu este período. Estamos no fim dele, cada um pode ver que caminho fez. Nesta noite emergiu claramente, pelo menos como um início, que tudo se joga no primeiro contragolpe em relação à realidade, às eleições, ao Papa, à pessoa que tenho diante de mim, ao trabalho, à espera, isto é, em relação à vida. Se cada um de nós não leva a sério o dado do real e se isso não se torna o

ponto de partida, já somos “modernos”, já somos, no fundo, ideológicos. Explicando a origem da situação que vivemos agora, *don* Giussani diz que nossa postura de homens modernos diante da realidade carece de problematidade verdadeira. E o descreve assim em *Porquê a Igreja?*: “A vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência criando nela problemas em diversas escalas [suscitam problemas: as eleições, a vida, o Papa, aquilo que acontece]. O problema é a expressão dinâmica de uma reação face aos encontros provocadores [diante daquilo que acontece]. E o significado da vida – ou das coisas mais pertinentes e importantes da vida [que depois dirá que são a cultura, o amor, a política e o trabalho] – só é uma meta possível para quem estiver empenhado com a problemática total da própria vida [não é que cada um pode resolver com palavras, desvela-se apenas para quem se empenha com a própria vida!]. O surgimento do problema [a primeira etapa, o primeiro início disso] implica [que eu surpreenda no relacionamento com a realidade] o nascimento de um interesse, despertando uma curiosidade intelectual” que coloca em movimento o dinamismo do meu eu para buscar um significado (em quem votar, como enfrentar a vida, como responder à espera). Sem isso, o objeto que queremos conhecer permanece estranho e nós tornamo-nos confusos. Então, o que acontece? Que se em nós não surge este interesse, a ponto de mover a totalidade do eu, começamos a fragmentar-nos pelo caminho, começa – diz Giussani – o processo da desarticulação do eu e da sociedade: “A origem do enfraquecimento de uma mentalidade orgânica [...] está [gostaria de parar aqui e desafiar todos a dizer onde está...] numa possibilidade permanente da alma humana, numa triste possibilidade de falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pelo real total”. Se o colocar-se do problema não suscita um interesse que coloque em movimento todo o meu eu, o significado da vida, para mim, torna-se inalcançável, e ficamos fragmentados, como muitas vezes nos acontece. Então, o que favorece que isto comece? O que favorece isso? Qual é o papel da comunidade cristã nisto? Como nos ajuda? Poderia fazer como muitos fazem com os filhos, que se substituem a eles. Mas olhem o que diz *don* Giussani: “Se a Igreja proclamasse como seu objetivo o de apresentar as soluções para o esforço humano de promoção, de expressão, de busca [isto é, se tirasse este caminho que nos foi dado fazer], faria [...] como aqueles pais que têm a ilusão de resolver os problemas dos filhos substituindo-se a eles”. Quando, diante dos desafios da vida, pedimos que o Movimento os resolva (dando-nos, por exemplo, uma indicação de voto), iludimo-nos pensando que resolvemos o problema fazendo-nos substituir por alguém. Mas a Igreja não como objetivo isto: “A Igreja, portanto, não tem como tarefa direta fornecer ao homem a solução dos problemas que ele encontra ao longo do seu caminho [se vocês buscam soluções prontas, vão a outro lugar!]. A função que ela declara ser sua na história é [paradoxalmente, parece nada] a educação ao sentido religioso da humanidade [isto é, despertar a espera, despertar a consciência da necessidade que temos, ponto de partida daqueles cinco pontos que citamos na última vez, porque isso implica] o chamamento a uma postura justa do homem diante do real. [Chamar a atenção a isso, educar a isso é a maior contribuição que a Igreja pode dar porque coloca a pessoa, cada um de nós na] melhor condição para encontrar respostas mais adequadas para essas interrogações [que a vida nos coloca. Porque] a série dos problemas humanos não poderia ser subtraída à liberdade e à criatividade do homem, quase como se a Igreja tivesse de lhe dar uma solução já confeccionada [tal e qual!], porque deste modo ela deixaria a sua originária postura educativa e tiraria o valor [do] tempo”. E Giussani dá um exemplo que todos lembramos, porque a nossa tentação também era a tentação dos tempos de Jesus, como demonstra o episódio dos dois irmãos que pedem a Jesus que resolva o problema da herança. “ ‘Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo’. Jesus respondeu: ‘Homem, quem me encarregou de julgar ou de dividir vossos bens?’ [Jesus não aceita o papel que querem lhe dar]. E disse-lhes: ‘Atenção! Tomai cuidado contra todo tipo de ganância, porque, mesmo que alguém tenha muitas coisas, a vida de um homem não consiste na abundância de bens’ ”. E Giussani comenta: “Não devia ser incomum que alguém se referisse a Jesus, como muitas vezes se fazia com aqueles que eram reconhecidos mestres, para resolver litígios e controvérsias. Como é instintivo [e como sabemos disso] no homem pensar ter encontrado a fonte da solução dos problemas [como é actual!]. Jesus afasta logo este equívoco e, justamente Ele, que mais de uma vez se manifestara juiz cheio de autoridade [...] faz questão de declarar que não Lhe cabe arbitrar em tal questão. Com certeza, o seu interlocutor deve

ter ficado desconcertado [como muitos entre nós pela ausência de indicação de voto], e Jesus não deixa de realizar logo aquilo que, ao contrário, cabe a Ele fazer”. E o que cabe a Jesus fazer? Vocês acham que se lhes tivesse dado a resposta, teriam parado de brigar? Teriam recomeçado! Basta ler a literatura rabínica: não é que Deus não tenha falado, mas os rabinos começaram a discutir entre eles sobre a interpretação, fazendo com que a própria palavra de Deus se tornasse uma das opiniões em pauta no conflito das interpretações. O que Jesus diz? “Cristo, assim como a Igreja – sua continuação –, não veio para resolver os problemas da justiça [neste caso], mas para colocar no coração do homem aquela condição sem a qual a justiça deste mundo poderia ter a mesma raiz da injustiça”. De facto, muitas vezes, se não recebemos uma solução concreta pronta, parece-nos muito pouco. E Giussani parece que lê nosso pensamento, e na linha seguinte diz: “Não é, todavia, igual a zero a função de Cristo e da Igreja no que diz respeito aos problemas dos homens. [...] Não é a fórmula mágica para evitar mecanicamente tais delitos, mas é [o único] fundamento para que a solução seja mais facilmente humana”. Isto é: somente a Igreja nos testemunha, nos chama e desperta em nós continuamente, com Cristo, o sentido religioso, coloca-nos nas condições justas para enfrentar as questões da vida, os problemas da vida. Muitas vezes nós pensamos que Cristo não veio para suscitar este sentido religioso, este sentido do Mistério, este sentido da nossa necessidade, mas para o reduzir com uma solução pré-confeccionada. Mas isso não seria Cristo e, com o tempo, não nos interessaria mais. Por isso, agora cada um de nós pode verificar, no fim do percurso, que caminho fez, se a partir do primeiro contragolpe suscitado pelas eleições se empenhou inteiramente; pode ver o que aconteceu naqueles que se empenharam, e o que aconteceu com aqueles que não se empenharam. E pode julgar em que medida o caminho feito suscitou as pessoas e nossas comunidades, porque o testemunho que acabamos de ouvir é o sinal de como uma pequena liberdade que se move é capaz de gerar. Acho que se nós, em primeiro lugar, não começamos a percorrer este caminho, isto é, se a comunidade cristã não é capaz de fazer surgir sujeitos assim, podemos acabar como a terça parte do eleitorado italiano. Não seremos muito diferentes, se pensarmos em nos pouparmos deste trabalho. Por isso, se sugerimos desde o início usar estas semanas para verificar a pertinência da fé em relação as exigências da vida, no fim deste percurso podemos dizer a nós mesmos (como trabalho pessoal ou das diversas comunidades) o que aconteceu. Somente se aceitamos passar do contragolpe inicial ao empenho que isso implica – com a ajuda da Igreja que constantemente nos coloca na condição certa para estar diante da realidade –, podemos gerar um sujeito capaz de estar à altura das circunstâncias e dos desafios que precisamos enfrentar.

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 20 de março, às 21h30.

Depois de ter terminado o trabalho sobre os Exercícios do CLU, retomaremos *Na Origem da Pretensão Cristã*, sétimo capítulo: “A declaração explícita”.

Lembro que está ativo o e-mail para o qual vocês podem enviar perguntas e breves colocações sobre o capítulo a ser trabalhado. Recomendo que o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade. O endereço é sdccarron@comunioneliberazione.org.

Saiu o **Cartaz de Páscoa**: a imagem é o baixo relevo de um claustro românico, com Cristo e os peregrinos de Emaús. Os dois textos são do Papa e de Dom Giussani. Como este é o *Ano da Fé*, quisemos chamar a atenção para o que é a fé.

Bento XVI diz: “A história de Jesus de Nazaré não pode ser limitada a um passado longínquo, mas é decisiva para a nossa fé hoje. Que significa afirmar que Jesus de Nazaré, que viveu entre a Galileia e a Judeia há dois mil anos, é “contemporâneo” de cada homem e mulher que vive hoje e em todos os tempos? Jesus entrou para sempre na história humana e continua a viver nela, com a sua beleza e poder, naquele corpo frágil e sempre necessitado de purificação, mas também infinitamente cheio do amor divino, que é a Igreja, na qual Ele está presente com a sua paixão, morte e ressurreição. É este o motivo que torna a Igreja contemporânea a cada homem, capaz de abraçar todos os homens e todas as épocas”. O Papa não apenas nos comunica o conteúdo da fé, mas nos testemunhou isso “grandiosamente” nas últimas semanas, e por último hoje, como muitos

viram, porque o gesto realizado e tudo o que vimos na sua pessoa é a documentação de que estas não são apenas palavras e que só a contemporaneidade de Cristo torna possível um homem assim. Qualquer que seja a dificuldade que alguém possa atravessar em certos momentos, ninguém pode tirar da história aquilo que vimos nestes dias. Isso quer dizer que Bento XVI pode se retirar, porque nos deu o melhor que poderia nos dar: tornar Cristo presente não apenas no último sopro de vida, mas quando ainda tem toda a lucidez, toda a consciência do que quer dizer Cristo, não como um fato do passado, mas como contemporâneo. E isso, não porque ele acrescenta palavras, mas porque sem que fosse contemporâneo a nós não teríamos podido ver aquilo que vimos e que estamos vendo nele.

O texto de Giussani é este: “O fato da Encarnação, a inconcebível pretensão cristã, permaneceu na história em sua substancial integralidade: um homem que é Deus – que, portanto, conhece o homem e a quem o homem deve seguir para ter o verdadeiro conhecimento de si mesmo e das coisas –. A experiência inicial daqueles que viveram com Jesus e O seguiram, transmitida pelos Evangelhos, possui um significado inequívoco: o homem não foi abandonado pelo destino. O cristianismo é um acontecimento que foi anunciado nos séculos e nos alcança ainda hoje. O verdadeiro problema é que o homem o reconheça com amor”.

Os Exercícios da Fraternidade (e o dos adultos e Jovens Trabalhadores que acontecerão 15 dias depois) são um momento privilegiado para retomar consciência, levar a sério a si mesmos, ser sérios com as exigências do coração, que foram despertadas em nós no encontro com o carisma de Dom Giussani. Sozinhos, não podemos ter clareza do destino e muito menos alcançá-lo, não podemos ter consciência do caminho ao destino sem Alguém conosco. Por isso, vamos aos Exercícios com o desejo de conhecer e viver o encontro que nos introduziu a perspectiva do Destino, isto é, que O revela. Não é uma coisa óbvia poder participar deles, mas é uma graça. As inscrições [para a Itália] encerram-se no dia 18 de março de 2013.

O livro do mês [para a Itália] para março-abril é *I passi della fede. Conversazioni domenicali (Os passos da fé. Conversas dominicais)*, de A. Šmeman, Editora La casa di Matrona. Trata-se de uma coletânea de homilias radiofônicas do teólogo e padre ortodoxo russo Aleksandr Šmeman (grande amigo de Solženicy). Propomos este livro como “encontro” com uma grande testemunha da fé.

Fazemos nosso, neste tempo, o convite que ainda hoje nos fez o Papa para continuarmos a rezar, como disse, “por mim, pela Igreja e pelo futuro Papa”, pelos cardeais que devem elegê-lo, porque realmente nos preocupamos com o bem da Igreja e da fé. Começamos logo a fazê-lo, a rezar para que o Senhor nos dê um pastor que nos apoie na fé.

Veni Sancte Spiritus.